

MIA COUTO

# O bebedor de horizontes



COMPANHIA DAS LETRAS

## Sumário

Resumo dos livros I e II .....	7
1. A mulher que chamava os rios .....	11
2. Um mal-amanhado bilhete .....	21
3. A lama e a neve .....	25
4. Primeira carta do sargento .....	35
5. Andorinhas e crocodilos .....	41
6. Segunda carta do sargento .....	49
7. As mãos e as mães .....	55
8. Antes de haver mar havia um barco .....	65
9. A caligrafia do rei analfabeto .....	77
10. Um lenço branco iluminando o passado .....	85
11. Carta de Germano de Melo para Bianca Vanzini .....	101
12. Pegadas no orvalho .....	107
13. Carta de Álvaro Andrea para Imani .....	115
14. Desfiles e delírios .....	125
15. Uma submissa desobediência .....	139
16. Nem juba nem coroa .....	151
17. Bartolomeu e o caminho marítimo para o céu .....	163
18. Um involuntário suicídio .....	175
19. Os amnésicos defuntos .....	185
20. Quanto pesa uma lágrima? .....	193

21. Véspera da terra .....	203
22. A luz de Lisboa .....	213
23. Um quarto debaixo da terra .....	227
24. Um corpo rasgado .....	241
25. O que foi dado à luz .....	253
26. Entre exílios e desterros .....	261
27. O bebedor de horizontes .....	267
28. O derradeiro idioma .....	275
29. Um novo nome para Zixaxa .....	285
30. A sombra das palavras .....	295
Anexo .....	309

## Resumo dos livros I e II

Nos finais do século XIX, Portugal enfrenta a resistência do Estado de Gaza que domina todo o Sul de Moçambique. A Coroa portuguesa, já a braços com o Ultimato da Inglaterra, não pode adiar mais uma ofensiva militar contra Ngungunyane, o imperador de Gaza. O desafio é claro: ou Portugal prova que domina efetivamente os territórios africanos ou perde-os a favor de outras potências coloniais.

Em dezembro de 1895 um pequeno grupo de soldados portugueses, comandados pelo capitão Mouzinho de Albuquerque, toma de assalto a povoação real de Chaimite e prende Ngungunyane. Com o rei de Gaza são igualmente detidos o filho, Godido; o tio e conselheiro Mulungo e o cozinheiro Ngó. Os portugueses autorizam o imperador a fazer-se acompanhar por sete das suas mais de trezentas esposas. Num outro local, na

margem do rio Limpopo, prendem igualmente o chefe dos mfumos, o Nwamatibjane Zixaxa, que é enviado para o exílio juntamente com os presos da corte de Gaza. Zixaxa é deportado na companhia de três das suas esposas.

Com os presos segue Imani Nsambe, uma jovem negra que estudou numa missão católica e serve como tradutora das autoridades portuguesas. Imani está grávida de um sargento português, chamado Germano de Melo. É esta tradutora que narra os trágicos acontecimentos do final do reinado de Gaza.

Neste último volume da trilogia, os prisioneiros embarcam no cais de Zimakaze e a lancha parte em direção ao posto de Languene. Ali farão uma breve paragem para depois rumarem para o estuário do Limpopo e ali darem início à viagem marítima que conduzirá os africanos para um distante e eterno exílio.

1

## A mulher que chamava os rios

*O cego foi o único que se salvou do incêndio. Porque foi o único que não viu o medo.*

Zixaxa

— *Pergunta a esse branco se quer que chame o rio.*

São as palavras da rainha Dabondi. Não ousou traduzi-las para o capitão Mouzinho de Albuquerque. Nem ele escutaria tão estranha interpelação, ocupado que está em comandar os seus homens, que chapinham num baixio do rio Limpopo. O barco em que seguíamos encalhou num banco de areia e há horas que os soldados portugueses tentam libertar a lancha. Alguns, mais afoitos, têm o corpo meio submerso e empurram os costados da embarcação. Poucas vezes se viu aquele cenário: brancos esfalfando-se à torreira do sol enquanto negros aguardam sentados numa confortável sombra. Mouzinho ordena aos soldados que regressem ao convés: as águas estão infestadas de crocodilos.

Não é o atraso que incomoda Mouzinho. Desde que saímos de Zimakaze a viagem decorreu célere e sem

paragem. O que o capitão teme são os perigos do mato em redor, onde, sem que se veja vivalma, já se escutam vozes e se movem sombras furtivas. Não tarda que suceda uma emboscada para resgatar os prisioneiros que viajam no seu barco.

A rainha Dabondi é uma dessas prisioneiras. Mais do que o capitão, ela está tensa com aquela paragem. É ela que ergue subitamente os braços a mandar que todos se calem. Um arrepio percorre toda a tripulação: como que nascida do chão, uma multidão de homens, mulheres e crianças surge na margem. Mouzinho ordena aos seus soldados que preparem as armas. Um silêncio frio se instala e o próprio rio se cala.

— *Posso chamar as águas?* — volta a perguntar Dabondi. Depois dirige-se a mim: — *Disseste a esse branco que falo a língua dos rios?*

Uma palavra sua e o rio Limpopo, como um cachorro dócil, viria comer-lhe à mão. Mouzinho murmura entredentes: *Calem-me essa mulher!* A tensão é insuportável. De súbito a rainha Dabondi salta do barco e caminha na direção da silenciosa multidão, que foi crescendo na margem.

Todos os olhos se centram na rainha que atravessa as águas rasas do rio. Os pés de Dabondi não tocam água nem terra. Na verdade, a rainha não caminha. Ela executa uma dança. O balançar das ancas faz soar as anilhas de cobre que lhe rodeiam os tornozelos.

Chegada à margem, a rainha fala animadamente com as criaturas que a rodeiam. Nada podemos escutar mas percebemos que aponta com insistência para nós. De súbito aquela turba precipita-se enlouquecida sobre o barco. Os portugueses, aterrorizados, ainda levam as